

Conto dos sonhos que se desencontram

Gilda Moreira*

No início da metade do meio do meu café, ele disse:

– Sonhei com uma Osga gigante!

Isso já era no final da minha história sobre o sonho recorrente daquele mar que está sereno e fica revoltado. Silenciei... Lembrei-me, inevitavelmente, da imagem da loucura: aquela que pintei quando disse que “uma Lagartixa conversou com Jéssica, e Jéssica desconversou”.

Inquietei-me.

Qual seria a relação direta ou indireta entre uma osga gigante e um mar sereno que vira revoltado? Qual o sentido daquelas duas histórias tão adversas? O mar se arrasta pra lá e pra cá, levando e trazendo de tudo. E a osga gigante se arrasta pelo chão, fazendo o quê? O mar sereno que fica revoltado seria o próprio curso da vida no seu eterno *currere*? E a osga gigante seria o tubarão que engole as vidas do mar? Ou seria o monstro Adamastor gerando *paura* aos buscadores do desconhecido? O mar sereno que fica revoltado seria o *cronos* devorando seus progenitores? E a osga gigante seria a serpente de Mitgard que corrói a gigante árvore Igdrazil? “Delírios de uma mente incerta!...”

– O que acha que significa, perguntei.

E isso já era no início da metade do final do meu café.

– Não sei! Talvez essa avalanche de coisas que preparam o fim para o início do novo que se aproxima...

– Tá filosofando!?!...

– Ah, que seja! ...

Mergulhei numa indagação no centro da menina dos seus olhos. Qual o sentido da vida em se misturar sonho de mar sereno que fica revoltado com o de osga gigante, em face daquele nosso relacionamento? Havia relacionamento? Onde, afinal, estávamos nós? Para onde iríamos naquele encontro? Havia encontro? Estávamos juntos ali?

A conversa se desencontrava. Ficava cada um na sua história pessoal, relatando para si mesmo a sua experiência de sonho e, embora os olhares se buscassem, os olhos se desachavam, fugindo, talvez, de uma possível revelação. Coisa esquisita essa situação de busca e fuga num mesmo espaço e tempo simultâneos! Solvi o último gole do café com uma disposição zerada.

– Vamos entrar, então?

– O quê? - perguntou ele, num susto, voltando de uma muda e prolongada divagação.

– O filme. Respondi desbancada. Já deve estar começando...

* É graduada e mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora do Departamento de Português do Colégio Pedro II, *Campus* Humaitá II. E-mail: gildamoreira2003@yahoo.com.br

E isso ainda era o início da metade do meio do seu café. Decai-me fundo na cadeira. Estávamos, de fato, em dois tempos e momentos e espaços distintos de um mesmo lugar e estar. Foi assim, nesta exata circunstância, que senti o abraço acolhedor da solidão. Quis fugir, não sabendo ao certo para onde. Só indo-me apenas, contra, ou a favor do vento. Saltei da cadeira num ímpeto incalculável e me fui. Sozinha e desvairada, correndo pelo asfalto molhado, entre os carros e suas buzinas estridentes. Deixei-o lá, sentado na cadeira da estação de cinema. Sozinho. Ele e o seu início de meio de metade do café. Pela primeira vez, consegui. Apartei-me. E pus-me a correr por entre as buzinas, sentindo o beijo da liberdade. Corria com a mão presa à mão da solidão. E quão acompanhada me sentia! A chuva aumentava progressivamente e, na mesma proporção, eu me distanciava. A solidão me acolhia, afagava-me no seu seio, beijava-me a face como se beija um bebê e acalentava-me como dizendo: “está tudo bem, meu amorzinho, estou com você e não vou abandoná-la”. E assim, ancorada à solidão, parti. Corremos para muito longe, distante mesmo, para um lugar que nem eu própria conhecia. Seria a hospedagem da solidão?

Pousamos num conjugado minúsculo e apertado, mas que parecia, naquele momento, a vastidão de uma mansão aconchegante. Adentramos, de mãos dadas e ofegantes, à saleta franzina. Mas bem decorada, por sinal. Num impulso, capotei numa pequena poltrona verde e vermelha, um tanto quanto simpática, eu diria. Quase relaxei por alguns segundos, após tirar as peças encharcadas pela chuva do caminho. Senti-me, por um instante, num pedaço de cena do Almodóvar, já que a ordem e a coloração das peças da saleta assim me faziam sentir. Permiti-me fechar os olhos bem placidamente, talvez para colocar em quarentena as cenas últimas daquela estação de cinema. Tarefa impugnada! A solidão logo retornou para me fazer companhia. Chegou impetuosa. Na mão, uma garrafa, já aberta, de vinho tinto com o rótulo não identificado.

– Como pôde adivinhar?!... Minha bebida preferida...

– Eu sei – retrucou de salto alto. Eu sempre acompanho seus passos desde há muito tempo – disse-me, com um sorriso contendo uma certa ligeira malícia, e sentou-se numa almofada rubro-esverdeada, bem próxima a minha poltrona. Em seguida, serviu-nos, a mim e a ela, cheia de jeitos, quase profissionalmente.

Por alguns instantes, que me pareceram incontáveis, ali ficamos, ali papeamos, ali sorrimos, ali... quase nos amamos!

No meio do início do anoitecer, já se iam algumas tantas garrafas de vinho preciosas. Todas elas sem os devidos rótulos, todos eles tendo sido, criteriosamente, tirados pela Solidão, às escondidas de mim.

– Como assim, segue meus passos há muito?... Quem é você, afinal?

– Significa que, desde que você veio ao mundo, quero dizer, desde que você nasceu, eu já estava contigo, minha pequena, já te acompanhava...

– Não entendo aonde quer chegar com essa conversa cortada...

– Simplesmente não quero chegar. Apenas chego, e sempre... Sempre estive, estou e hei de estar. Esta é minha condição de ser, essa é minha

natureza. Do que não entendo sempre é de como sair, pois não há saída para mim. Isso é impossível! Eu sempre tenho que ficar acompanhando alguém, mesmo que não o conheça, o que define a minha existência.

– Olha, isso está ficando confuso, variado... sei lá... Já não entendo onde estou, o porquê e, menos ainda, quem é você?! Por que estou aqui?

A solidão pareceu resignar-se. Deixou se afogar numa outra poltrona laranja e mostarda à direita de mim. Em seguida, levantou-se, num ímpeto, muito determinada, andando até uma pequena estante metálica, donde retirou um disco.

– Quer escutar isso?

– Que é? Indaguei desmotivada, mais disposta a prosseguir com a conversa anterior, dessa vez, mais do que nunca...

– Tanto faz o que é. O importante é que seja. E o é! Você precisa escutá-lo.

(O disco toca canções em homenagem ao dia das mães... Eu, na perplexidade...).

– Olha, meu amor, há algo que você precisa saber: quando vocês nascem, vocês, os humanos, inicia-se um processo de separação, ou melhor, o próprio nascimento já é, em si mesmo, a separação.

– Que diz?...

– Todos são separados ao nascer. Todos nascem sós. E se nascem sós, tendem, também, a morrer sós. Logo, não há o que temer: é preciso saber e aprender a estar, a aceitar. Mas a grande e, talvez, a maior questão que se coloca é: o estar só significa estar comigo, ou seja, todo o mundo precisa se adaptar a uma única e inevitável verdade: tem que aprender a viver com a solidão. É este, e somente este, o caminho para a felicidade...

Dito ela isto, pasmei, gelei, quase congelei. Suspirei, por fim.

– Mas o que é você, afinal, ou melhor, o que pensa que é?

– Simplesmente, não sou como vocês, sou conceito, algo inefável, condicionalmente preso ao que há apenas, porém quesito indispensável e imprescindível ao ser, isto é, a você, a vocês a tudo que existe, claro. Entende?!...

Proferiu a última frase com ar de topo, com magna arrogância, fazendo-se salutar.

Inquietei-me mais um pouco, porém com disfarce e esforço, para não denunciar meu desfile sobre a corda bamba. Suspirei ainda mais fundo e impus decreto.

– Agora já chega. Tô indo! Agradeço muito por tudo, seu cantinho é muito agradável, os vinhos de uma safra esplêndida, tudo muito aconchegante, a decoração, o gosto estético, as combinações das cores...

– Por que não o espírito da coisa?

Cortou-me impiedosa e atrevida...

– Como?...

– Isso! Confesse que te agradou em muito o espírito da coisa, isto é, o contato com um pedaço do sublime, e bem sei o que te incomoda, o que te incomoda é a percepção cética, assim como a atitude cética, não é? Você é

incapaz de aceitar que isto aqui é uma fatia de verdade. Você não aprendeu a ser humilde, não aceita o “amém”, e isso me parece um tanto trágico, não?

– Que diz? Não a compreendo... Você me parece desvairada...

– Claro que não! Você nunca me compreenderá, e é tudo muito simples o porquê, estou certa. A teimosia, a ilusória autossuficiência, o orgulho! Você é um poço transbordando de orgulho!

Hesitei para não xingar alguns termos impróprios. Frigi-me e me contive mordendo os dedos.

– Está bem! Vou-me, que tudo isso aqui não passa de uma loucura, e minha vida não se permite a esse luxo. Tenho muito o que fazer. Adeus!

– Isso, meu amor! Vai! Mas não ouse olhar para trás, nem para frente: não queira, nunca mais, tentar compreender a relação ente o sonho da Osga gigante com o Mar que fica revoltado, porque isso seria querer apalpar o inatingível. E o inatingível é isto: você nunca saberá por que meu recanto se arquitetou entre o vermelho e o verde, o mostarda e o metálico. E tampouco compreenderá o porquê da retirada, por mim, de todos os rótulos dos vinhos, antes de servi-lo. E muito menos saberá por que se retirou bruscamente e descontrolada da cadeira, no café do cinema, deixando sua companhia, para me seguir. Mas, estou certa, isto tinha que ser o curso normal das coisas, o único capaz de nos fazer, ou melhor, de fazê-la conhecer a anormalidade, ou seja, o não natural, o esdrúxulo, o rio no qual “entramos e não entramos, somos e não somos”. Pode chamar isso de o eterno devir...

Ali, patética, fitando e escutando a solidão, emudeci. Pedi, docemente, licença. Baixei a cabeça. Pedi desculpas e retornei resignada. Regressei flutuante à estação de cinema. A sessão findava. A plateia vazia. E ele ali, ainda no início da metade do fim do seu café à espera do meu regresso.

Olhamo-nos. De novo, desachamo-nos. Reconhecemo-nos, por fim, nesse eterno conto dos nossos sonhos que se desencontram. E, de mãos dadas, partimos sem rumo, coincidentemente, em direção ao mar.

Recebido em 03 ago 2021

Aceito em 08 out 2021